

Nem Congresso ajuda os favelados

Sem alimentos, sem água e sem qualquer condição de higiene, os desabrigados da ex-invasão da 110 Norte completaram ontem o segundo dia de acampamento sob a rampa do Congresso Nacional e um mês que foram despejados pelo Governo do Distrito Federal. Mas o quadro de miséria, que é composto ainda por um homem em greve de fome, não alterou a rotina da Assembléia Nacional Constituinte. Os parlamentares, de quem os desabrigados esperam ajuda, alegam que pouco podem fazer, conforme afirmou o senador Pompeu de Souza (PMDB-DF) em pronunciamento no Senado, quando disse que a solução do problema dos sem-teto compete ao Poder Executivo, e não ao Legislativo.

O Senador fez um apelo para que o Governo do Distrito Federal procurasse, com a maior urgência, «uma solução mais humana». Propôs ainda a criação de uma comissão parlamentar mista de inquérito para apurar os atos de desrespeito e violência «contra os mais elementares direitos da condição humana que o Estado tem cometido nas favelas e invasões das grandes cidades», disse Pompeu de Souza.

Na reunião do secretariado do GDF, durante a manhã de ontem, o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, falou que os desabrigados haviam mostrado interesse em aceitar sua proposta de ir para Brasilinha, ou a concessão de passagens para voltar para sua cidade de origem. Mas os invasores não confirmaram esta versão e disseram que continuam irredutíveis quanto à obtenção de moradia dentro do Distrito Federal.

Rebeldes

No Congresso Constituinte, a grande preocupação é com o aspecto desagradável que os desabrigados vêm causando na frente do prédio. Na opinião do 2º vice-presidente da Assembléia Nacional Constituinte, deputado Jorge Wilson Arbage (PDS-PA), trata-se de um segmento rebelde, que não quer ir para Brasilinha. «Nós não temos mais do que o sentimento humano para emprestar a eles» — afirmou,

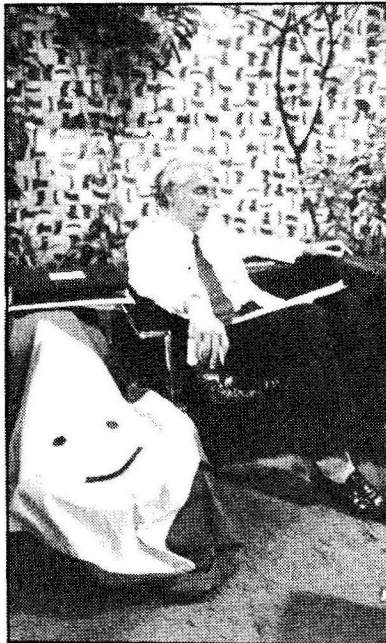
ressaltando que o problema não é dos parlamentares. «Quem me dera se nós, constituintes, tivéssemos condições de resolver os problemas do País».

Jorge Arbage disse ainda que pediu ao secretário Adolfo Lopes de Serviços Sociais, para encontrar uma solução o mais rápido possível, porque aquela área pertence ao Congresso Nacional, e não pode continuar com aquele pessoal» abrigado lá. Já o diretor de Segurança do Congresso, Fernando Pauluce, disse que aquela Casa é um prédio público que recebe visitas diárias «por isto não fica bem um acampamento» naquele local. «Mas não somos nós que temos que resolver a situação deles» — declarou Pauluce — «porque trata-se de um problema social, não policial».

Fome

Mas os desabrigados já estão sentindo os problemas de se ocupar uma área nobre. E esses dois dias para os favelados foram de insegurança e tensão. Durante a noite, segundo relatou a desabrigada Irecê de Souza, viaturas de polícia

Carlos Menandro



Deodato em greve de fome

rodam o local constantemente. «Aí vem o medo de ocorrer o que aconteceu no dia 16 de agosto», disse ela, lembrando da noite que antecedeu ao despejo, quando a polícia cercou a invasão.

Mas a maior dificuldade que enfrentam é arranjar comida. A última refeição foi feita anteontem, no almoço. Na janta, tinha apenas pão e leite, e para não faltar alimento às crianças, no dia seguinte, os adultos fizeram jejum. Ontem, pela manhã, as crianças comeram o resto do pão e os adultos tinham apenas uma promessa de que poderia «pintar uma sopa» na janta, mas não souberam explicar quem levaria.

As condições de higiene também são precárias. Até ontem, os favelados não tinham tomado banho. Segundo alguns, o banho não compensa, porque não têm roupa limpa para vestir. Outros argumentam que o banheiro cedido para eles, no Corpo de Guarda do Congresso, não tem capacidade para atender a todos, por isto a prioridade é para as crianças.

E quem ficou na Igreja Nossa Senhora das Graças (908 Norte), estava na mesma situação ontem, último prazo para que eles desocupassem a Paróquia. A porta do Salão Paroquial, que servia de abrigo para os favelados, foi trancada com cadeado e seus pertences foram espalhados pela calçada da igreja. O padre Joaquim Horta disse que, se os desabrigados não tirassem seus objetos, seriam todos levados para o depósito da Novacap.

Greve de fome

O membro da Frente Nacional de Defesa da Criança, Deodato Rivera, também membro da Associação Ação e Vida, está em jejum desde a instalação dos desabrigados na rampa do Congresso, anteontem. O objetivo, segundo ele, se destina a corrigir «uma situação de injustiça intolerável e de negação de direito patente de exploração e abuso contra os fracos». Argumentou que sua atitude não é pelo prazer de sofrer, «mas por amor aos que sofrem mais».